



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 1

jan-jul.2025

p. 624-633

Para amantes e lutadorxs¹

(For lovers and fighters)

(Para amantes e luchadorxs)

Dean Spade²

RESUMO: Neste texto, Dean Spade explora as relações não monogâmicas desde o ponto de vista das políticas trans e *queer*, com base na perspectiva situada na própria experiência e na das comunidades das quais faz parte. Com essa intersecção em mente, discute a influência do capitalismo na cultura de exclusividade sexual e defende que os relacionamentos não monogâmicos podem ser um campo de experimentação crucial para as dissidências sexuais e de gênero. Ao mesmo tempo, Spade expõe os riscos e o custo pessoal de tornar qualquer receita sobre como construir as nossas relações num modelo de radicalidade política ou sexual e, em consequência, numa nova norma social.

PALAVRAS-CHAVE: poliamor; anticapitalismo; não monogamia; comunidades trans; *queer*.

Abstract: In this text, Dean Spade delves into the significance of non-monogamous relationships from the perspective of trans and queer politics, drawing on insights from his own experiences and those of the communities in which he is involved. Keeping this intersectionality in mind, Spade discusses the influence of capitalism on the culture of sexual exclusivity and argues that non-monogamous relationships can serve as a crucial arena of experimentation for sexual and gender dissidence. Simultaneously, Spade exposes the risks and personal costs of prescribing any formula for building relationships as a standard of political or sexual radicalism, leading to the establishment of a new social norm.

Keywords: polyamory; anticapitalism; non-monogamy; trans communities; *queer*.

Resumen: En este texto, Dean Spade explora la importancia de las relaciones no monogámicas desde la perspectiva de las políticas trans y *queer*, basándose en sus propias experiencias y en las de las comunidades a las que pertenece. Teniendo en cuenta esta interseccionalidad, Spade analiza la influencia del capitalismo en la cultura de la exclusividad sexual y sostiene que las relaciones no monogámicas pueden ser un ámbito de experimentación crucial para la disidencia sexual y de género. Al mismo tiempo, Spade expone los riesgos y costos personales de prescribir cualquier fórmula para construir relaciones como estándar de radicalismo político o sexual, lo que llevaría al establecimiento de una nueva norma social.

Palabras clave: poliamor; anticapitalismo, no monogamia; comunidades trans; *queer*.

1 Agradecemos ao autor pela autorização para publicar esta tradução de “For fighters and lovers”, incluído, originalmente, em Berger, Melody (2006), *We Don't Need Another Wave: Dispatches from the Next Generation of Feminists*, Nova Iorque, Seal Press, p. 28-39. Tradução: Pablo Pérez Navarro.

2 Advogado estadunidense, escritor, ativista trans e professor na Escola de Direito da Universidade de Seattle.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 21/12/2023
Aceito em 14/05/2024

Nos últimos cinco anos ou mais, um número crescente das pessoas que conheço começou a falar sobre e a praticar o poliamor. Pessoas *queer* e trans nas comunidades em que participo têm dedicado mais tempo a discutir essa ideia e a gerar análises sobre ela. Muitas pessoas ainda repetem o julgamento comum: “isso não pode funcionar”, mas, assim como muitos³, vivemos consistentemente com identidades e práticas que nos disseram durante toda a vida que não podem funcionar, e vejo a forma como as pessoas resistem ao “senso comum” da monogamia da mesma forma que vejo a forma como resistimos ao “senso comum” que herdamos sobre raça, classe, gênero e sexualidade em nossa cultura.

Não considero fútil tentar perceber como a investigação dos limites da monogamia se encaixa nas políticas *queer*, trans, feministas, anticapitalistas e antiopressão, nas quais está focada a maior parte da minha prática pessoal e política. Quando penso sobre esse tópico, muitas vezes começo com o feminismo, do qual surgiram muitas das minhas primeiras indagações políticas durante a minha adolescência. Sempre me pareceu muito encorajadora a propaganda antirromântica do movimento feminista dos anos 1970. Uma peça que me vem à mente é um pôster – uma foto de um homem e uma mulher de mãos dadas passeando por um parque em um belo dia de outono, com tortas esmagadas em ambos os rostos – com um texto abaixo dizendo algo sobre matar o mito do romance. Tenho vários ossos românticos, muito pulposos, flexíveis e fortes no meu corpo, mas sempre me senti encantado com essa política antirromantismo – especialmente diante das recentes reivindicações à estrutura heteronormativa, à estrutura familiar e aos símbolos e às cerimônias tradicionais do “amor” heterossexual pelos defensores do casamento *gay*.

Foi um alívio, para mim, descobrir na adolescência que havia feministas desenvolvendo uma crítica ao amor romântico. Eu vi como o mito do romance heteromonogâmico se alinhava para prejudicar as mulheres – criando um incentivo cultural para entrarem nos arranjos de propriedade do casamento; colocando as mulheres em uma posição subordinada no par romântico; definindo o valor das mulheres, exclusivamente em termos de sucesso, em encontrar e em manter um romance; lavando o cérebro das mulheres para que gastem o tempo se medindo em relação a essa norma e trabalhando para mudarem seus corpos, comportamentos e atividades, a fim de atenderem aos requisitos de serem atraentes para os homens e adequadas para o romance. Vejo esse mito como prejudicial no nível pessoal, pela forma em que cria expectativas irreais sobre nós e sobre as outras pessoas, fazendo-nos constantemente experimentar insegurança. Além disso,

3 N. do T. Esta tradução adota várias opções em relação às marcas de gênero, onipresentes nas línguas românicas e muito menos comuns no inglês do texto original. Em alguns casos, optei por evitá-las. Noutros, por fazer referência sequencial a identidades de gênero masculinas, femininas e não binárias. Ainda noutros, pelo uso do neutro universal do sistema elu. No título, preferi usar o “x” como provocação visual, mas evito-o no texto para facilitar a leitura automatizada para pessoas com deficiência visual. Os pronomes do autor são ele/dele.



considero que é politicamente prejudicial, pois é uma distração gigante de nossa resistência e nos divide – especialmente com base nos fódidos estereótipos autorrealizados sobre como as mulheres competem entre si. Infelizmente, embora os tropos usuais se concentrem no romance heterossexual, grande parte disso é transportada, também, para as comunidades *queer* e envolve nossas abordagens em relação ao sexo, ao amor e ao romance em vários graus. É importante contar com uma crítica ao mito do romance que analise o quão prejudicial ele é para nós em nossas vidas pessoais e como ele é projetado para alimentar arranjos sociais, codificados em leis, que foram inventados para subordinar as mulheres e torná-las propriedade dos homens.

Eu também penso sobre isso em relação ao capitalismo, no sentido de que o capitalismo está sempre nos impulsionando em direção à perfeição, produzindo ideias sobre a maneira certa de ser um homem ou uma mulher – ou uma mãe ou alguém que seja parceire, ou qualquer que seja –, a qual as pessoas não conseguem alcançar. O objetivo é que estejamos constantemente nos esforçando – geralmente comprando coisas – para preencher essa lacuna gigante de insegurança que é criada. Você nunca pode ser demasiado rico ou demasiado magro – ganância –, ou rico o suficiente ou magro o suficiente – insegurança. O capitalismo está fundamentalmente ligado a noções de escassez, impelindo-nos a acreditar que nunca temos o suficiente, para que ajamos guiados por instintos de ganância, acumulando bens. De fato, o mito do romance está focado na escassez: há apenas uma pessoa lá fora para você! Você precisa encontrar alguém para se casar antes de envelhecer demais! A regra da exclusividade sexual também está focada na escassez: cada pessoa disporia apenas de uma certa quantidade de atenção, atração, amor ou interesse, e se qualquer parte disso for direcionada a alguém que não seja o seu parceiro, parceira ou parceire, elu deve perder. Geralmente, não aplicamos essa regra a outros relacionamentos – não assumimos que ter duas crianças significa amar a primeira menos ou nada, ou que ter mais de uma amizade signifique ser uma pessoa ruim, falsa ou menos interessada nas nossas outras amizades. Aplicamos essa compreensão específica de escassez ao romance e ao amor, e a maioria de nós internaliza bastante profundamente esse sentimento de escassez.

Isso me leva a outro ponto central para mim. Uma das coisas que observo ao refletir sobre esse assunto é que muitas pessoas que conheço são realmente incríveis, mas acabam mostrando seus piores lados, seus piores comportamentos para as pessoas com quem namoram. Para essa pessoa, elas podem ser excessivamente carentes ou dependentes, dominadoras, possessivas, ciumentas, cruéis, desrespeitosas ou insensíveis. Já observei essa tendência em mim mesmo também. Faz sentido. Tanta insegurança envolve o mito do romance e o mundo de vergonha, nos quais a sexualidade está envolvida em nossa cultura, que podemos nos transformar em nossas



piores versões nessas relações. Também vejo pessoas priorizando relacionamentos românticos acima de tudo – abandonando seus amigos, colocando todos os seus ovos emocionais em uma cesta e criando dinâmicas pouco saudáveis com as pessoas com quem namoram por causa disso. Torna-se, simultaneamente, o relacionamento mais importante e aquele em que as pessoas dão livre curso aos seus eu mais inseguros.

Um dos meus objetivos ao repensar a forma como encaramos os relacionamentos é tentar tratar as pessoas com quem saio (*dates*) mais como trato as minhas amigas – com respeito, consideração, estabelecimento de limites e expectativas razoáveis –, e tentar tratar as minhas amigas mais como trato as pessoas com quem saio – dando-lhes atenção especial, honrando meus compromissos com elas, sendo consistente e investindo profundamente em nosso futuro juntas. Nas comunidades *queer* das quais faço parte, valorizar a amizade é algo realmente importante, frequentemente resultante do fato de que muitos de nós não contamos com o apoio familiar e, portanto, construímos estruturas de apoio sólidas com outras pessoas *queer*. Estamos interessadas em resistir à estrutura familiar heteronormativa, na qual se espera que as pessoas formem um par, casem-se, tenham filhos e satisfaçam todas as suas necessidades dentro dela. Muitos de nós vemos isso como prejudicial, como uma tecnologia do capitalismo tardio pós-industrial que está conectada a alienar as pessoas da comunidade e a treiná-las a pensar em termos de individualidade, a valorizar a unidade menor da família nuclear em vez da família extensa. Portanto, questionar como o *status* e as normas de comportamento associadas a este são diferentes da forma como tratamos nossas amigas em comparação com nossos parceiros (*dates*), e tentar equilibrar esses aspectos, começa por apoiar nosso trabalho de criar famílias escolhidas e resistir à aniquilação da comunidade que o capitalismo busca.

Nos últimos anos, o poliamor tornou-se um tópico cada vez mais importante de discussão e análise nas comunidades trans das quais faço parte. De muitas maneiras, faz sentido que essa seja uma área de práticas de resistência emergentes nas comunidades que desafiam as normas de gênero e que quebram as regras de gênero. Ao afrouxarmos nossos laços com a binariedade de gênero, as nossas ideias sobre sermos homens e mulheres adequados frequentemente também se afrouxam. À medida que as nossas anteriormente rígidas ideias sobre os nossos próprios gêneros desaparecem, podemos, ao mesmo tempo, tornar-nos mais experimentais com o gênero e a orientação sexual. Assim, pessoas que sempre se viram em um papel muito específico, como, por exemplo, de sapatões masculinas (*butch lesbians*), estão, agora, questionando essa associação de gênero, começando a desligar a biologia do gênero, a pensar sobre a expressão de gênero de forma mais fluida, e também podem se encontrar interessadas em experimentar sexualmente com



pessoas de diferentes gêneros. Já vi muitas pessoas que fizeram a transição da identidade lésbica para homem trans ou identidades transmasculinas querendo experimentar a identidade bicha (*fag*), ou se relacionar com outras pessoas trans ou com homens não trans. Parte disso envolve começar a sentir novos caminhos resistivos para navegar o sexo *queer* de maneiras diferentes – vendo o corpo de uma nova forma e sentindo que você pode fazer mais coisas com ele, e, depois, decidir o que essas coisas significam para você. Certamente, isso não é verdade para todas as pessoas trans, mas, muitas vezes, vi isso acontecer.

Para pessoas que vivem nos limites das categorias tradicionais de gênero, ser percebido como pertencente a diferentes gêneros em momentos diferentes – e descobrir o quão subjetiva é a atribuição de gênero e quão passageira pode ser a filiação a qualquer papel de gênero – pode gerar novos sentimentos de experimentação, aumento de independência e prazer. De repente, aquilo que sempre foi dado como certo em nossa cultura – que todas as pessoas são ou masculinas ou femininas durante toda a vida, e que essa diferença é inscrita pela natureza em nossos próprios genes – desaparece quando algumas pessoas te percebem como uma mulher e outras como um homem, e quando o gênero começa a se desfazer em diferentes partes: cabelo, peito, roupas, andar, voz, gestos etc. Mesmo para as pessoas trans que, eventualmente, alcançam uma identidade estável de homem ou mulher que se encaixa em certas normas de gênero tradicionais, muitas ainda têm sua percepção da estabilidade do gênero fortemente afetada pela experiência de mudar de gênero e navegar no mundo a partir de um novo ponto de vista. Outras pessoas, como eu, que ocupam uma posição de gênero que desafia as expectativas tradicionais de ambos os gêneros e, portanto, são interpretadas de maneiras diferentes por diferentes motivos, constantemente experimentam a instabilidade de gênero e geralmente têm muitas histórias engraçadas e assustadoras para contar sobre a fluidez da percepção.

Para algumas pessoas, o sexo é um espaço em que os papéis de gênero são validados, e ter relações sexuais com pessoas que percebem e tratam você de acordo com os papéis de gênero que você está expressando pode ser uma sensação realmente maravilhosa e afirmativa. Quando eu estava começando a me assumir como trans, significava o mundo para mim poder explorar meu gênero ao ter relações sexuais com pessoas que queriam se envolver em jogos de gênero e que me viam respeitosamente como eu me via. Para pessoas que estão experimentando como pensam ou expressam seu próprio gênero, o desejo de ter diferentes tipos de relações sexuais com diferentes tipos de pessoas pode ser uma parte significativa desse processo de aprendizado.

Nas comunidades em que estou inserido, isso resultou em muitas discussões interessantes. Para casais em que uma pessoa está começando a se identificar como trans, isso pode significar



que as duas integrantes do casal podem ter identificações de orientação sexual que não dependam necessariamente do gênero da outra, como um casal em que a mulher cisgênero (*non-trans*) se identifica como lésbica e *femme*, e seu namorado trans se identifica como bicha. Para algumas pessoas, isso também as encorajou a abrir seus relacionamentos para que as duas pudessem ter a experimentação que desejavam, permitindo que continuem juntas de maneiras que realmente amem e que funcionem para as duas. Para outras pessoas que conheço, que não têm um relacionamento principal, o poliamor significa poder ser pervertida e suja com todas as pessoas que lhes atraem, sem ser julgada ou considerada uma pessoa descomprometida ou trapaceira. Para pessoas socializadas como mulheres, isso pode ser incrivelmente importante. Somos ensinadas a pensar que o prazer sexual não é para nós, que buscar prazer é ser uma vadia (*slut*), que devemos ser menos sexuais do que os homens, que o sexo é um serviço que oferecemos para obter compromisso e estrutura familiar dos homens. Superar isso, reivindicar o prazer sexual e autorizar a busca por este é um ato radical para todes em nossa cultura cheia de vergonha, mas, especialmente, para pessoas socializadas como mulheres, que são orientadas a serem sensuais – para os outros consumirem –, mas não em busca de prazer. Feministas pró-sexo radicais desenvolveram essas ideias na década de 1980, e vejo-as ecoadas no desejo das comunidades das quais faço parte de abraçar a liberdade sexual e a experimentação.

Essa questão da experimentação e dos diferentes tipos de afirmação que surgem do sexo também chega às nossas políticas sobre a identidade. A cultura liberal de merda nos diz para sermos cegues às diferenças entre as pessoas, e os estúpidos mitos românticos nos dizem que o amor é cego. Entretanto, para aqueles que adotam políticas radicais e reconhecem que a identidade é um grande vetor de privilégio e opressão, sabemos que o amor, o sexo e a cultura não são cegos para as diferenças, mas que, pelo contrário, a diferença desempenha um papel importante no sexo, no romance e na estrutura familiar.

Nós também entendemos que experimentar e reconhecer as identidades nas quais vivemos e somos percebidos é importante, e encontrar comunidade com outras pessoas que são como nós pode ser empoderador e curativo. Por esse motivo, muitas podemos querer experimentar nesses aspectos também. Por exemplo, podemos estar em um relacionamento que achamos ótimo, mas, depois, queremos ter uma experiência fora desse relacionamento com alguém que compartilha uma característica conosco que a nossa parceira, parceiro ou parceire não tenha, seja ela relacionada à raça, ao idioma, à idade, à classe, à origem, à capacidade, à identidade trans ou a qualquer outra coisa. Nossas políticas radicais nos dizem que não precisamos fingir que essas coisas não importam e que podemos honrar as diferentes conexões que podemos ter com as pessoas, seja com base em



identidades compartilhadas ou diferentes. Se amamos os nossos relacionamentos e amizades, faz sentido que queiramos que tenham experiências que sejam afirmativas ou importantes para elus nesses aspectos, e que não permitamos que as regras de exclusividade sexual se tornem obstáculos para o desenvolvimento pessoal de cada pessoa.

Muitas das coisas que estou escrevendo aqui abordam a noção básica do que pensamos ser amar outras pessoas. Será que se trata de possuí-las, encontrar segurança nelas, ter todas as nossas necessidades atendidas por elas, poder tratá-las da maneira que quisermos e ainda assim tê-las por perto? Eu espero que não. O que eu espero que o amor seja – seja ele platônico, romântico, familiar ou comunitário – é o sincero desejo de que outra pessoa tenha o que precisa para se sentir plena e desenvolver ao máximo sua capacidade para a alegria ou qualquer realização que esteja buscando.

Enquanto pessoa ciumenta, tenho interesse em construir formas de amor e confiança com as pessoas que não dependam da exclusividade sexual, porque parte dos meus ciúmes, e talvez parte dos ciúmes implícitos no drama cultural retratado repetidamente na TV como “a outra”, “a traição (*affair*)”, e o significado dilacerante e de quebra de confiança atribuído ao sexo fora de um relacionamento vêm do fato de que o desejo sempre excede qualquer recipiente – e todes nós sabemos disso ao experimentar nosso próprio desejo. Não importa o quanto amemos, desejemos, adoremos e tenhamos atração pelas pessoas com quem nos relacionamos, também experimentamos o desejo fora dessa diáde, e o mito do romance – há uma pessoa lá fora para cada um de nós, encontre-a, ame-a, compre coisas com ela e você será feliz para sempre –, que nos é imposto desde o nascimento até a morte, torna esse conhecimento terrivelmente ameaçador. Então, a questão, para mim, torna-se reconhecer que compromisso, amor e interesse pelo bem-estar de alguém não inclui, necessariamente, um amortecimento de todo o desejo sexual por outras pessoas, ou tentar desaprender a crença de que inclui. A questão, para mim, é criar relacionamentos baseados em noções mais profundas e reais de confiança. Para que o amor seja definido não pela exclusividade sexual, mas pelo respeito real, pela preocupação, pelo comprometimento de agir com boas intenções, pela responsabilidade por nossas ações e pelo desejo de crescimento mútuo.

Não obstante, apesar de tudo que expressei aqui, também tenho sérias preocupações sobre a promoção do poliamor entre as minhas amizades. Às vezes, vejo isso surgindo como uma nova norma sexual e uma nova base para o julgamento e a coerção. Em alguns círculos nos quais me relaciono, tornou-se a única maneira “radical” de ser sexual. Aquelus que optam por relacionamentos monogâmicos, ou que simplesmente não se envolvem em muitas relações, são julgades. Também vejo, talvez com mais frequência, a norma poliamorosa fazendo com que as pessoas se julguem duramente quando surgem sentimentos de ciúmes. Ter qualquer sentimento,



e especialmente admiti-los, é desencorajado em nossa cultura. Somos incentivadas a nos alienar de nós mesmas e das outras pessoas, a nos curar de sentimentos ruins por meio de medicamentos e de “compras terapêuticas”; e somos levadas a esperar que a perfeição e a felicidade total sejam a norma, enquanto qualquer coisa diferente disso é considerada algum tipo de falha pessoal ou desequilíbrio químico. Isso resulta em muitos sentimentos reprimidos. Muitas pessoas nas comunidades em que participo, especialmente aquelas que vivenciaram violência sexual e pessoas criadas como mulheres em nossa cultura de estupro, têm dificuldade suficiente em identificar, para si mesmas, o que é saudável em relação ao sexo – o que queremos, o que constitui uma violação, quais são nossos sentimentos reais – e se sentem autorizadas a expressar isso. Certamente, não precisamos de mais mensagens que nos digam que nossos sentimentos relacionados ao sexo e à segurança estão errados.

Fiquei desconcertado ao perceber dinâmicas emergentes nas quais as pessoas estabelecem a nova norma poliamorosa e, em seguida, odeiam-se caso não consigam corresponder a ela. Se não forem perfeitas em não serem ciumentas, em não se sentirem ameaçadas e totalmente encantadas imediatamente com as aventuras das pessoas com quem se relacionam, de alguma forma falharam. Eu já me senti assim. Frustrado com a forma pela qual minha mente pode aceitar essa abordagem em relação ao sexo, e, no entanto, minha reação emocional, às vezes, é enorme e inegavelmente negativa. Em alguns momentos, isso tem se tornado uma nova perfeição inatingível que uso para me torturar, e até mesmo tenho vergonha de admitir para as minhas amigas o quão horrível me sinto quando dominado pelo ciúme. Também me torno cada vez mais distante das pessoas com quem me relaciono ao tentar esconder esses sentimentos vergonhosos e avassaladores.

Essa não parece ser a prática radical e revolucionária que eu esperava. Na verdade, parece tudo muito familiar, como os outros traumas de crescer sob o capitalismo: alienação de mim mesmo e dos outros, insegurança constante, desconfiança, medo, auto-ódio, dúvida e inadequação. Eu não tenho uma solução para esse dilema. Eu só tenho esperanças, para mim e para as demais pessoas, e muitas perguntas. Como reconheço a inadequação do mito do romance ao mesmo tempo em que reconheço suas raízes profundas em minha vida emocional? Como equilíbrio meu entendimento intelectual com hábitos/expectativas emocionais profundamente enraizados? Talvez, a melhor resposta para tudo isso seja avançar como fazemos no restante de nosso ativismo, cuidadosa e lentamente, com base em nossos princípios mais claros, com confiança e disposição para cometer erros. A dificuldade para manter relacionamentos abertos não deveria ser motivo para não tentar, mas deveria ser um motivo para não criar novas normas punitivas em nossas comunidades ou em nossas próprias mentes. Já fizemos coisas difíceis antes. Já lutamos contra opressões



internalizadas, escolhemos viver nossas vidas de maneiras que nossas famílias frequentemente dizem ser impossíveis, idealistas ou perigosas, e encontramos alegria resistindo criativamente aos limites de nossa cultura e sistema político – que são externos e parte de nossas próprias mentes.

Uma coisa que descobri por conta própria nos últimos anos é que esse é um processo bastante lento para mim. Sempre que tentei me envolver em poliamor com várias pessoas, senti-me terrível e, muitas vezes, acabei perdendo a capacidade de estar com essas pessoas por me sentir péssimo em relação ao meu próprio ciúme. Eu odeio a sensação de ter um padrão duplo e ser um monstro. Então, agora, estou tentando descobrir como ter relacionamentos não baseados na exclusividade sexual, mas nos quais possa admitir confortavelmente o que está acontecendo comigo e não me pressione para me encontrar em algum lugar onde não estou – indo devagar o suficiente para descobrir o que funciona e o que não funciona. Não é fácil e ainda parece bastante misterioso para mim.

Às vezes, enquanto estou no metrô, tento olhar para cada pessoa e imaginar como elas pareceriam para alguém que estivesse apaixonado por elas. Acredito que todas as pessoas foram vistas alguma vez dessa maneira, quer tenha sido por amantes, parentes, ou amigos, estejam cientes disso ou não. É algo maravilhoso, olhar para alguém por quem eu nunca me sentiria atraído e pensar sobre como olhar para essa pessoa seria para alguém que devora cada parte de sua imagem, que tem cordas invisíveis conectadas a cada parte de seu corpo. Acho que esse divertido passatempo é uma forma de cultivar a compaixão. É bom pensar nas pessoas dessa maneira e usar a parte da minha mente que, geralmente, fica reservada para uma pequena porção das pessoas que encontro na minha vida para apreciar o público em geral. Eu gostaria de poder pensar nas pessoas assim com mais frequência. Acredito que é o oposto do que nossa cultura nos ensina a fazer. Preferimos analisar as pessoas em busca de falhas. Cultivar esses sentimentos de amor ou apreciação por pessoas aleatórias, e até mesmo por pessoas que não gosto, torna-me uma pessoa mais tolerante e grata para comigo mesmo e as pessoas que amo. Além disso, é um passatempo realmente excelente.

Eu não tenho uma receita para relacionamentos bem-sucedidos, e acho que ninguém deveria ter. O objetivo da maior parte do meu trabalho é remover mecanismos coercitivos que forcem as pessoas a se conformarem com as normas heteronormativas de gênero e família. As pessoas frequentemente se confundem e pensam que eu e outros ativistas trans estamos tentando apagar o gênero e tornar todos andrógines. Na verdade, isso me parece um pouco entediante. O que eu quero ver é um mundo em que as pessoas não sejam criminalizadas, expulsas de suas famílias, cortadas dos benefícios sociais, assediadas sexualmente na escola, submetidas a cuidados de saúde



mental involuntários ou impedidas de conseguir moradia porque organizam seu gênero, seu desejo ou sua estrutura familiar de uma maneira que ofende uma norma. Espero que possamos construir essa visão praticando-a em nossas próprias comunidades *queer* e ativistas e em nossas abordagens conosco mesmas. Vamos ser gentis, conosco e unes com les outres, e ferozes na luta contra a opressão.

